

Poucas expressões da psicopatologia da vida cotidiana são tão reveladoras do espírito de nosso tempo – e, portanto, tão inquietantes – como as perturbações do sono. A insônia, os pesadelos, a fuga no dormir, o consumo desenfreado de hipnóticos, o sono agitado, a impossibilidade de repouso são apenas algumas das dimensões de um mal-estar que se manifesta justamente nos momentos em que se esperaria usufruir de um dos benefícios mais elementares da civilização: a sensação *a priori* de um mínimo de segurança, de estabilidade e de continuidade da existência, obtida pelo comércio simbólico com os outros, a despeito do desamparo fundamental de nossa condição humana.

Trata-se de uma exigência preliminar para que o sujeito possa permitir o relaxamento de sua atenção auto-protetora, abandonando temporariamente suas aquisições e investimentos narcísicos, para simplesmente entregar-se ao repouso regenerador propiciado pelo sono. Do ponto de vista libidinal, dormir constitui uma experiência amorosa, de restauração do auto-erotismo através do mergulho na Coisa materna, dessa vez despersonificada e diluída em um espaço mental sem limi-

A Psicanálise à escuta do sono

Resenha de Nayra Cesaro Penha Ganhito, *Distúrbios do sono*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2001, 245 p.

tes, análogo ao Grande Todo de que falava Freud. De fato, há algo de sagrado no repouso.

É precisamente nesse ponto que a perturbação do sono incide como sintoma e como denúncia do fracasso do sujeito, imerso e inseparável de seu ambiente, em desprender-se periodicamente deste mundo tão familiar ao eu, à consciência e – por que não – ao espírito ocidental, para recolher-se em uma Outra dimensão, noturna, abissal, real em seus efeitos, mas intraduzível, enquanto experiência, na linguagem das Luzes.

Assim, as perturbações do sono revelam a um só tempo o psicopatológico de um sujeito e de uma cultura, que fracassam em produzir uma condição fundamental para o pouco de acesso de que dispomos ao Oceânico: o pacífico. Estudar as perturbações do sono consiste, antes de tudo, em uma interrogação sobre as condições de possibilidade da implantação noturna e sempre precária da paz e do sereno.

É nesse contexto que se inscreve o instigante e belo livro de Nayra Cesaro Penha Ganhito: *Distúrbios do sono*,

publicado na coleção “Clínica Psicanalítica”, dirigida por Flávio Ferraz, na Casa do Psicólogo.

O livro surpreende de antemão por sua originalidade, que faz com que o leitor imediatamente se interrogue: “Como um tema tão fundamental pôde ter sido relegado por tanto tempo a uma posição tão periférica?” Nesse sentido, o trabalho de Nayra Ganhito vem preencher uma surpreendente lacuna nas produções teóricas psicanalíticas. Não que este tema não houvesse sido discutido anteriormente – a própria autora recorre a contribuições extremamente fecundas de renomados autores psicanalíticos das mais diversas tendências. Ao lado de referências incontornáveis

como Freud, Winnicott, Green, Dolto, Fédida e McDougall, entre outros, ela se serve também das intuições de poetas e romancistas (Breton, Poe, Keats, Valéry, Lorca, Victor Hugo etc), bem como das mitologias interessadas pelo mistério do sono. O texto realiza, contudo, para além de um recenseamento dessas elaborações teóricas e poéticas pontuais, um esforço pioneiro de sistematização do problema, situando praticamente pela primeira vez de forma ampla, coerente e articulada a abordagem psicanalítica do sono e de suas perturbações.

A preocupação didática e sistematizante do texto não ofusca, contudo, a extrema sensibilidade – e por vezes mesmo o lirismo – da escrita. À maneira de seu conteúdo, o livro embala e envolve o leitor em um universo de acalanto, inseparável das teses que pretende demonstrar.

O argumento está distribuído em nove capítulos, que tanto cobrem de forma rigorosa a tradição psicanalítica sobre os distúrbios do sono, quanto buscam situar os elementos fundamentais da problemática psicopatológica e clínica subjacentes a essa questão.

Desde o início, a autora esforça-se por demonstrar a dimensão propriamente erótica e psíquica do sono, buscando

superar a concepção de mera necessidade orgânica, à qual nossa visão cientificista cotidiana nos habitua a reduzi-lo.

De Freud, Nayra Ganhito retoma a tese clássica segundo a qual o sonho seria o guardião do sono, para revertê-la a partir da seguinte proposta crucial: a de descrever metapsicologicamente a cena fundante na qual a mãe junto a seu bebê, mesmo antes dos sonhos advirem, instaura-se como a primeira guardiã do sono (p. 15). Este momento estruturante será pleno de conseqüências para o futuro da criança. “Mãe e bebê protagonizam no escuro de sua intimidade uma cena cujo desfecho esperado é o adormecimento do bebê. *Cena fundante* iluminada sutilmente pela luz espelhada de seus olhares. O que se passa ali, à maneira de um ciclo – a mamada, a troca de fraldas, o embalço, a chupeta, os cheiros e os ritmos, as palavras sussurradas, a voz que entoia um acalanto – tudo isso deixará ‘dela’ a marca indelével, nostálgica, sempre procurada, jamais reencontrada... A não ser, talvez, no sono e nos sonhos que porta. Mas para isso é preciso fechar os olhos, e poder ‘perder’ a mãe real por um instante” (p. 15). O livro tratará amplamente desse acontecimento originário, fundante de um “desejo de dormir” e das condições que tornarão possível o abandono

temporário da mãe da realidade e do próprio eu narcísico, para reencontrá-los, difusos e serenos, na experiência real do sono.

Da psicossomática, é retirado – a partir de uma re-leitura da noção de “falha do sistema de simbolização pré-consciente” – o modelo de uma “falha na função onírica”. Assim, quando o sonho fracassa em seu papel de guardião do sono, ocorreria a irrupção crua dos elementos psíquicos insuportáveis sob a forma de angústia, de pesadelos e do terror noturno. Reafirma-se, dessa maneira, a tese freudiana segundo a qual o sonho é uma tentativa de garantir a continuidade do sono através da realização simbolicamente deformada de desejos inconscientes, cuja emergência excessivamente explícita poderia ser perturbadora.

Uma ampla porção do argumento é dedicada ao estudo das relações entre o sono e o narcisismo. A autora retoma a idéia freudiana segundo a qual o dormir supõe uma retirada da libido dos objetos – inclusive desse objeto privilegiado em nossa cultura que é o ego – de modo que a psique possa retornar àquele estado nomeado por Freud de “narcisismo primário”, ligado “aos tempos míticos de fusão com a mãe” (p. 32).

A autora recorre ao pensamento de Silvia Bleichmar para falar dos investimentos libidinais arcaicos da mãe, fundantes do narcisismo primário, que darão origem ao eu e à vida pulsional. Através de uma perspectiva laplancheana que privilegia o estudo das vias concretas de investimento erótico materno

sobre o corpo da criança, a psicanalista argentina dá destaque às práticas de adormecimento do bebê como forma efetiva de exposição do pequeno humano à sexualidade adulta. Estas constituem veículos privilegiados da “contaminação” do novo ser com esta condição intrinsecamente desviante que é a sexualidade. Através das situações originárias de cuidados maternos com o infante, ao mesmo tempo inocentes e eróticas, haveria a transmissão dos significantes enigmáticos do universo libidinal propriamente humano que se instalam como objetos-fonte da vida pulsional infantil. Envolver e acalantar o bebê com o objetivo de conduzi-lo ao sono constitui um cuidado inconscientemente erotizado, em que os significantes e fantasmas da sexualidade adulta são reeditados, transmitidos e, em certa medida, exorcizados naquela relação primitiva e assimétrica.

Nesse contexto, o processo posterior de adormecimento comportaria o risco de regressão a conteúdos arcaicos da memória dessa sedução originária, que retornariam no

próprio corpo. Freud destacou esse aspecto implicado em muitas situações de insônia: o sujeito evitaria dormir pelo medo de confrontar-se com esses conteúdos sexuais que não consegue inscrever e, portanto, tolerar.

O adormecimento evocaria, igualmente, angústias ligadas à solidão absoluta e ao ingresso em uma terra desconhecida que – análoga à morte – assombra pela impossibilidade de representá-la e de controlá-la pelos processos psíquicos familiares ao eu. Nessas condições, a experiência do sinistro pode facilmente vir a se instalar. De modo análogo ao medo do escuro, o momento de dormir pode constituir a expressão mesma do contato insuportável do sujeito com seu próprio desamparo.

O acalanto desempenha aqui uma função primordial. Amplamente baseada no belíssimo livro *O acalanto e o horror*, de Ana Cavani Jorge, a autora apresenta a cantiga de ninar como tentativa de elaboração, tanto da parte da mãe como do bebê, da separação que a necessidade de dormir impõe como um real incontornável para os dois parceiros.

O embalço sonoro e corporal propiciado pela regularidade melódica do acalanto, sustentado pela voz da mãe, reasseguraria a continuidade e a serenidade como fundo sobre o qual a separação poderá se concre-

tizar pelo adormecimento. O acalanto – através da preparação de ambos para o momento da separação – aplacaria a um só tempo as angústias de fusão com a mãe e de castração. Na vida adulta, o processo de adormecimento comportaria o risco da perda dos limites do eu, o qual pode ser vivido com muita angústia – chegando a impedir o sono – quando não se tem suficientemente internalizadas as condições benevolentes maternas que assegurariam tanto a separação, quanto a promessa de reencontro.

A dimensão vocal da mãe constituiria a própria evidência de sua presença terna e protetora. O ritmo, nesse contexto, por sua repetição e constância, garantiria a permanência – apesar do desligamento propiciado pelo sono – do mesmo estado de coisas atual, sem surpresas. Todos esses elementos musicais e interpessoais estariam implicados na erotização do novo sujeito, consolidando a experiência da humanização e permitindo a criação de um corpo erógeno. A voz materna marcaria assim o real corporal com o significante, inaugurando a experiência humana e deixando como herança o enigma se-

xual do Outro, a estimular a sexualidade da própria criança e a demandar elaboração e subjetivação.

Também o conto desempenharia uma função elaborativa e reaseguradora, na medida em que permite o re-engendramento de um espaço interior através da circulação pela palavra do enredo e pelo “corpo da voz”, em suas tonalidades e ritmos, do inquietante suscitado pelo adormecimento.

A mãe suficientemente boa é aquela que desde o início encontra-se atravessada pela referência à sua própria castração. O pai, por sua vez, nesses primeiros tempos da subjetivação do bebê, deve ser capaz de sustentar a mãe em sua posição diante do filho, oferecendo a ela um pólo sexual capaz de drenar sua libido, que de outra forma tenderia a depositar-se na relação com a criança. Vemos, assim, que o processo de libidinização do sono depende tanto da relação mãe-bebê concreta, quanto do papel mediador da função paterna.

O livro apresenta, além disso, um panorama bastante completo da psicofisiologia do sono e da abordagem especificamente psiquiátrica de seus distúrbios, sem jamais perder de vista as inter-relações dessas perspectivas com o campo psicanalítico.

Outro ponto importante do trabalho refere-se ao exame psicanalítico detalhado das di-

ferentes formas clínicas dos transtornos do sono. São discutidos especificamente os distúrbios de sono na infância, o pesadelo, o terror noturno, o sonambulismo, a insônia e a enurese, dando ao leitor uma interessante aproximação clínica desses fenômenos, situando os elementos centrais das diferentes problemáticas a eles subjacentes, desde uma ótica psicanalítica.

O texto encerra-se com uma interessante reflexão sobre as condições de possibilidade do sono em nossa contemporaneidade. Destaca-se a contradição entre o sono como um momento de recolhimento auto-erótico de desligamento do mundo e o apelo incessante desse mesmo mundo para que o sujeito ativamente faça-se nele representar através de seu eu narcisista.

A autora propõe, por fim, uma clínica psicanalítica à escuta do sono. Descrevendo a implantação da situação analítica a partir das contribuições de Pierre Fédida, Nayra Ganhito concebe a análise como lugar da elaboração da ausência. Esse trabalho elaborativo pode

ser efetuado à condição que se sustente na situação analítica do surgimento do auto-erotismo e da cena primitiva.

O relato do analisando teria, assim, a função transicional de restauração do auto-erotismo pela apropriação subjetiva da própria história e das marcas do outro nela inscritas. Dessa forma, a autora propõe que “escuta-se o sono como metáfora ou figura de um espaço psíquico que faz no espaço transferencial sua tentativa de re-engendramento” (p. 240).

Distúrbios do sono constitui, assim, mais do que um texto de apresentação da teoria psicanalítica sobre esse importante tema psicopatológico e clínico. Trata-se, antes de mais nada, de um esforço muito bem sucedido de conduzir o leitor a tirar suas próprias conclusões para o campo da subjetividade e para a prática clínica, dessa experiência erótica fundante que é o adormecer nos braços da mãe, com as conseqüências psicopatológicas das vicissitudes desse processo.

Mário Eduardo Costa Pereira é psicanalista, psiquiatra, doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade Paris 7, e dirige o Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da UNICAMP.

BIBLIOGRAFIA

BLEICHMAR, S., *A fundação do inconsciente*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

JORGE A. L. C., *O acalanto e o horror*, São Paulo, Escuta, 1988.